

CASTELO DE CASTELO BRANCO – ACHADOS FORTUITOS NAS COLECÇÕES DO MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

Carlos Boavida / IAP-FCSH/UNL / AAP / cmpboavida@gmail.com

RESUMO

Embora tenham ocorrido diversos trabalhos arqueológicos na alcáçova albicastrense, nomeadamente nas décadas de 1980 e de 2000, naquele local verificaram-se alguns achados fortuitos ao longo do século XX que permanecem na sua maioria inéditos. Grande parte destes achados integrava a coleção pessoal de Francisco Tavares Proença Júnior, que esteve na origem do actual museu com o seu nome, onde hoje se encontram em depósito. Este conjunto de materiais recolhidos no castelo e na sua área envolvente inclui peças de diversas épocas, com destaque para as dos períodos romano e medieval.

ABSTRACT

In addition to archaeological digs in the Castelo Branco fortress in the beginning of the 1980's, there are some fortuitous findings in the place from all over the 20th century. Most of them are unpublished and are part of the private collection of Francisco Tavares Proença Júnior, who has created an archaeological museum in 1910, which is named after him today.

There were some artifacts from the castle and the surrounding area, mainly from the Roman and Medieval Era.

INTRODUÇÃO

O Museu de Castelo Branco foi criado em 1910 com as coleções arqueológicas reunidas por Francisco Tavares Proença Júnior ao longo da 1^a década do século XX (Ferreira, 2004: 9). Dessas coleções faz parte um conjunto de materiais, nem todos inéditos, provenientes da *zona do castelo* de Castelo Branco, que se desconhece se foram recolhidos na totalidade pelo próprio ou entregues a este investigador por terceiros.

A designada *zona do castelo* é relativamente extensa, incluindo não só a fortificação, mas também a sua área envolvente, assim como algumas ruas da parte alta do casco histórico daquela cidade beirã. Além das peças da coleção de Francisco Tavares Proença Júnior, o conjunto de materiais recuperados no local inclui também uma série de achados aí ocorridos ao longo do século XX.

O espólio dos trabalhos arqueológicos no local, coordenados por João Henriques Ribeiro entre 1979/

1984 (Ribeiro, 1984, 1985, 1987 e 2010), objecto da dissertação de mestrado do signatário (Boavida, 2009), também integra o conjunto dos materiais recuperados na *zona do castelo*, tal como os colectados por Joaquim Baptista, na Rua do Arresário, após o desabamento de um muro (Baptista, 1982: 14).

LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O castelo de Castelo Branco foi mandado edificar pelos cavaleiros da Ordem do Templo em 1215, no alto do Cerro da Cardosa, e aí instalaram a sua sede até à extinção da ordem em 1314 (Capelo, 2007: 195). Deste local domina-se visualmente todo o planalto de Castelo Branco, no centro do qual o cerro se encontra.

O mesmo sucede com o Monte de São Martinho, localizado 3 km para sul. No entanto, ao contrário deste último, conhecido pelo povoado do Bronze Final aí identificado (Proença, 1910), com ocupa-

ção humana que poderá remontar ao Neolítico ou Calcolítico (Vilaça, 2004), pouco ou nada se sabe sobre a antropização anterior à Reconquista Cristã na Cardosa.

Os autores das primeiras monografias históricas sobre a capital da Beira Baixa consideram que as origens da mesma, seriam de época romana ou até mesmo anteriores, mas além da tradição popular em torno da origem do topónimo – Castra Leuca – apresentam poucos dados concretos que atestem essa antiguidade (Silva, 1853; Roxo, 1891). Algumas das referências citadas são a presença nas muralhas da cidade de pedras com inscrições ou relevos, claramente de cronologia romana, que desapareceram após derrocada de algumas partes dessa estrutura (Roxo, 1891: 9-10; Júnior, 1907: 172-175; Vasconcelos, 1918: 8; Santos, 1958: 12).

No interior do castelo, os templários terão erguido ou reerguido uma igreja dedicada a Santa Maria, eventualmente sobre templo moçárabe pré-existente (Cardoso, 1953: 24-25). Juntamente com um pano de muralha e duas torres, este edifício, muito adulterado devido à sua destruição e reconstrução sucessiva após diversos conflitos bélicos, constitui tudo o que resta da fortificação mandada construir pela Ordem do Templo.

ESPÓLIO

Da colecção original de Francisco Tavares Proença Júnior fazem parte acima de tudo objectos metálicos e vítreos, alguns já publicados no âmbito de alguns trabalhos que abordam determinados conjuntos tipológicos existentes no acervo do MFTPJ. É o caso de uma fíbula (inv. 10.43) tipo *aucissa* (Camul. 17B), em bronze, atribuída aos séculos I-II d.C. por Salete da Ponte (1986: 38, n.º 7 – Est. 1.7). Igualmente de bronze é uma outra fíbula, de tipo transmontano (Schule 4h), que aquela autora considera ser dos séculos IV-III a.C. (1986: 31-32, n.º 3 – Est. 1.3). Esta última foi primeiramente publicada por José Leite de Vasconcelos (1919/20:107).

No castelo foi também recolhido um conjunto de peças metálicas sub-rectangulares (inv. 10.2159-10.2163), para as quais se desconhece a função. Numa das faces exibem decoração em relevo, constituída por cordões entrelaçados, semelhante à de placa apotropaica existente em Albufeira. Embora nas primeiras referências aquela tenha sido considerada como visigótica, a sua análise permitiu

atribuí-la ao século X, apesar da temática decorativa ser conhecida desde do século IX (Gomes, 2002: 340-341). As restantes faces são lisas.

Foi também colectado um pequeno peso em chumbo (inv. 10.723) e dois anéis em bronze, um deles mostra pedra de vidro azul-escuro muito desgastada, decorada em relevo, com representação de equídeo. Estas duas jóias constam na base de dados *Matriz*¹, onde o primeiro anel (inv. 10.722) é classificado como sendo do baixo-império, enquanto o outro será do século III d.C. (inv. 10.721). Peças com características idênticas (inv. Au 638 e Au 640), mas atribuídas à centúria anterior, estão presentes na colecção Bustorff Silva, no Museu Nacional de Arqueologia².

Está igualmente publicado fragmento de vidro transparente incolor, decorado com fios relevados incolores, que Maria Helena Simões indica ser de taça romana (inv. 10.724), de forma indeterminada, cuja cronologia será entre o século I e o século V d.C. (1986: 147, n.º 7). Foi recuperado também um fragmento de galheta unida, *à façon de Venise*, em vidro transparente incolor, que corresponde à união das bolsas com o pé (inv. 10.726). Este modelo foi produzido na fábrica de Coina na 1ª metade do século XVIII, sendo em meados daquela centúria, igualmente fabricado na Marinha Grande (Custódio, 2002: 189; 323, n.º 80).

Ainda dos materiais integrados no museu em 1910 fazem parte uma asa de lucerna (inv. 10.725), uma epígrafe romana (inv. 10.11), que se encontra publicada (Garcia, 1984: 99-100, 164) e actualmente na exposição de arqueologia patente no museu e uma escultura em mármore (inv. 10.58). Esta última, não se encontra concluída e poderá ser imagem religiosa proveniente da Igreja de Santa Maria ou da Capela de São Brás, nas suas proximidades, mas no exterior do castelo.

No espólio colectado na Rua do Arresário inclui-se um bico de candil (inv. 77.759), cuja forma larga e curta denuncia a sua cronologia tardia, sendo semelhante a outros recuperados no castelo de Silves, atribuídos a meados do século XII (Gomes, 2011: 399) e também alguns fragmentos muito diminutos de *terra sigillata hispânica*, para os quais não foi possível apurar a forma, o mesmo sucedendo para alguns restos de cerâmicas de fabrico manual (inv. 77.764).

1. matriznet.dgpc.pt

2. museuarqueologia.pt

Nas peças entregues ao museu, em datas diversas, consta um capitel em granito cinzento (inv. 77.221), com decoração vegetalista, semelhante à de outros existentes na colecção do Museu Arqueológico do Carmo, de proveniência desconhecida, datados dos séculos XIII-XIV (Fernandes, 2005, p. 346, n.º 1252, 1253 e 1255). Do mesmo material foi encontrado também na zona do castelo um tramo de uma aduela de porta (inv. 77.219), que apresenta motivo antropomórfico na zona proximal, associado a outro de carácter geométrico que acompanha a curvatura da peça. Existe um outro fragmento em *terra sigillata hispânica* (inv. 86.344), que corresponderá a bordo de taça da forma Drag. 37, datável entre a 2.ª metade do século I d.C. e o início do século IV d.C.

Nas reservas do museu existe também uma cruz de caravaca, em bronze (inv. 38.3). Este tipo de peça é frequente em contextos hispânicos do século XVII, apresentando nos exemplares mais tardios, alguns dos inícios do século XVIII, pequenos espaços internos usados como relicários (Deagan, 2002: 60-62, 80). Esta cruz enquadra-se nesta tipologia, sendo o seu interior totalmente oco, para guardar eventuais relíquias, que seriam visíveis nos orifícios existentes na face anterior. Apresenta decoração profusa, onde se destaca Cristo crucificado, N.ª Sr.ª da Conceição, um Bispo e outras figuras humanas associadas aos símbolos da Paixão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se desconheça o contexto arqueológico em que os materiais, que agora se publicam, foram recolhidos, o seu estudo, a par com o de outros já recuperados na alcáçova albicastrense, entretanto dados à estampa (Boavida, 2012), é um novo contributo para o conhecimento da história e evolução daquele espaço.

AGRADECIMENTOS

Dr.ª Aida Rechena, directora o Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

Arq. Mário Varela Gomes, à Prof.ª Dr.ª Rosa Varela Gomes. Dr.ª Carla Fernandes; Mestres Paulo Fernandes, Edgar Fernandes, Inês Ribeiro, Joana Gonçalves e Filipe Oliveira; Dra. Sónia Brochado.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, J. (1982) – Elementos para um inventário de estações arqueológicas/Prospecções e reconhecimento: distrito de Castelo Branco. *Informação Arqueológica* 2; Lisboa: Departamento de Arqueologia - IPPC (p. 14).

BOAVIDA, C. (2009) – Castelo de Castelo Branco: Contributo para o Estudo de uma Fortificação da Raia Beirã. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: FCSH/UNL (policopiado).

BOAVIDA, C. (2012) – Castelo de Castelo Branco (1979-1984 e 2000): síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos e principais conclusões. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15. Lisboa: DGPC (pp. 195-218).

CAPÊLO, J. M. (2007) – Castelo Branco, a Cidade-Capital Templária em Portugal: de 1215 a 1314 – As Sedes Templárias em Portugal. *Codex Templi*. s.l: Zéfiro (pp. 159-220).

CARDOSO, J. (1953) – Castelo Branco e o seu alfoz: achegas para uma monografia regional. Ed. autor.

CUSTÓDIO, J. (2002) – A Real Fábrica de Vidros de Coima [1719-1747] e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos. *Cadernos* 5. Lisboa: IPPAR.

DEAGAN, K. (2002) – Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean 1500-1800. 2: Portable personal possessions. Washington and London: Smithsonian Institution Press.

FERNANDES, Carla Varela (2005) – Vida, fama e morte: reflexões sobre a colecção de escultura gótica in ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (coord) *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (pp. 300-355).

FERREIRA, A. M. (2009) – Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior. s.l: IPM.

GARCIA, José Manuel (1984) – Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: MC / IPPC / MFTPJ.

GOMES, M. V. (2001) – Castelo de Albufeira: novos contributos para o seu conhecimento. *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela (pp. 337-346).

GOMES, R. V. (2011) - Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos. *Trabalhos de Arqueologia* 53. Lisboa: IGESPAR, I.P.

JÚNIOR, Francisco Tavares de Proença (1907) – Inscricções romanas de Castello Branco. *O Archeologo Português* S.1-12. Museu Ethnológico Português (pp. 172-178).

PONTE, M. S. (1986) – Nove fibulas de Castelo Branco.

Trebarvna 2; Castelo Branco: Centro de Estudos Epigráficos da Beira (pp. 29-38).

RIBEIRO, J. H. (1984) – Trabalhos de Campo (1981): Castelo Branco. in *Informação Arqueológica 4*; Lisboa: Departamento de Arqueologia - IPPC (pp. 57-59).

RIBEIRO, J. H. (1985) – Trabalhos de Campo (1982/83): Castelo Branco. *Informação Arqueológica 5*; Lisboa: Departamento de Arqueologia - IPPC (pp. 63-64).

RIBEIRO, J. H. (1987) – Cerâmica medieval nas escavações da zona do castelo de Castelo Branco (Portugal). *Actas do II Colóquio Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterraneo Occidental* (pp. 277-281).

RIBEIRO, João Henriques (2010) – Escavações no castelo de Castelo Branco: resultados. *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia: Cem Anos de Investigação Arqueológica no Interior Centro*. s.l. (pp. 299-307).

ROXO, A. (1891) – Monographia de Castello Branco. Elvas: Typographia Progresso.

SANTOS, M. T (1958) – Castelo Branco na História e na Arte. Ed. autor.

SILVA, J. P. (1835) – Memorial chronológico e descriptivo da cidade de Castello Branco. Lisboa: Typografia Universal.

SIMÕES, M. H. (1986) – Vidros romanos do Museu de Castelo Branco. *Conímbriga 25*; Instituto de Arqueologia / Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra (pp. 143-152).

VASCONCELOS, José Leite de (1918) – Antigualhas da Beira Baixa: escultura do castelo de Castelo Branco. *O Archeologo Português S.1-23*. Museu Ethnológico Português (pp. 1-8).

VASCONCELOS, José Leite de (1919/20) – Estudos sobre a época do ferro em Portugal: fibula de bronze do Museu de Castelo Branco. *O Archeologo Português S.1-24*. Museu Ethnológico Português (p. 107).

VILAÇA, R. (2004) – O Monte de São Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze. *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*. s.l.: IPM (pp. 56-61).

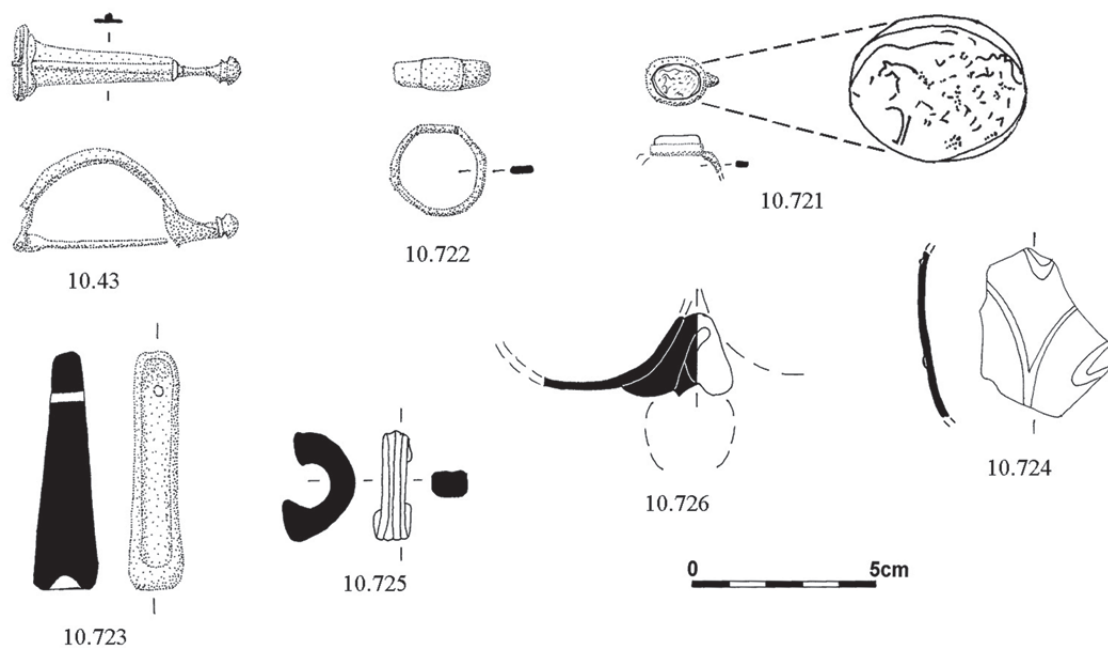


Figura 1 – Espólio que integrava a coleção original de Francisco Tavares Proença Júnior.



Figura 2 – Escultura que integrava a coleção original de Francisco Tavares Proença Júnior.

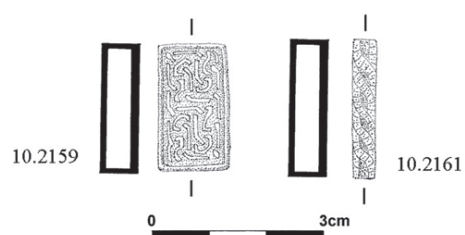


Figura 3 – Peças de função indeterminada que integravam a coleção original de Francisco Tavares Proença Júnior.

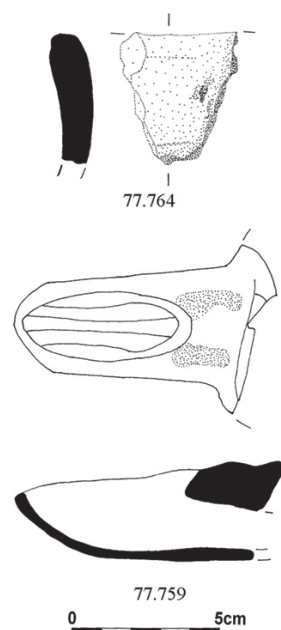


Figura 4 – Espólio recolhido na Rua do Arresário.

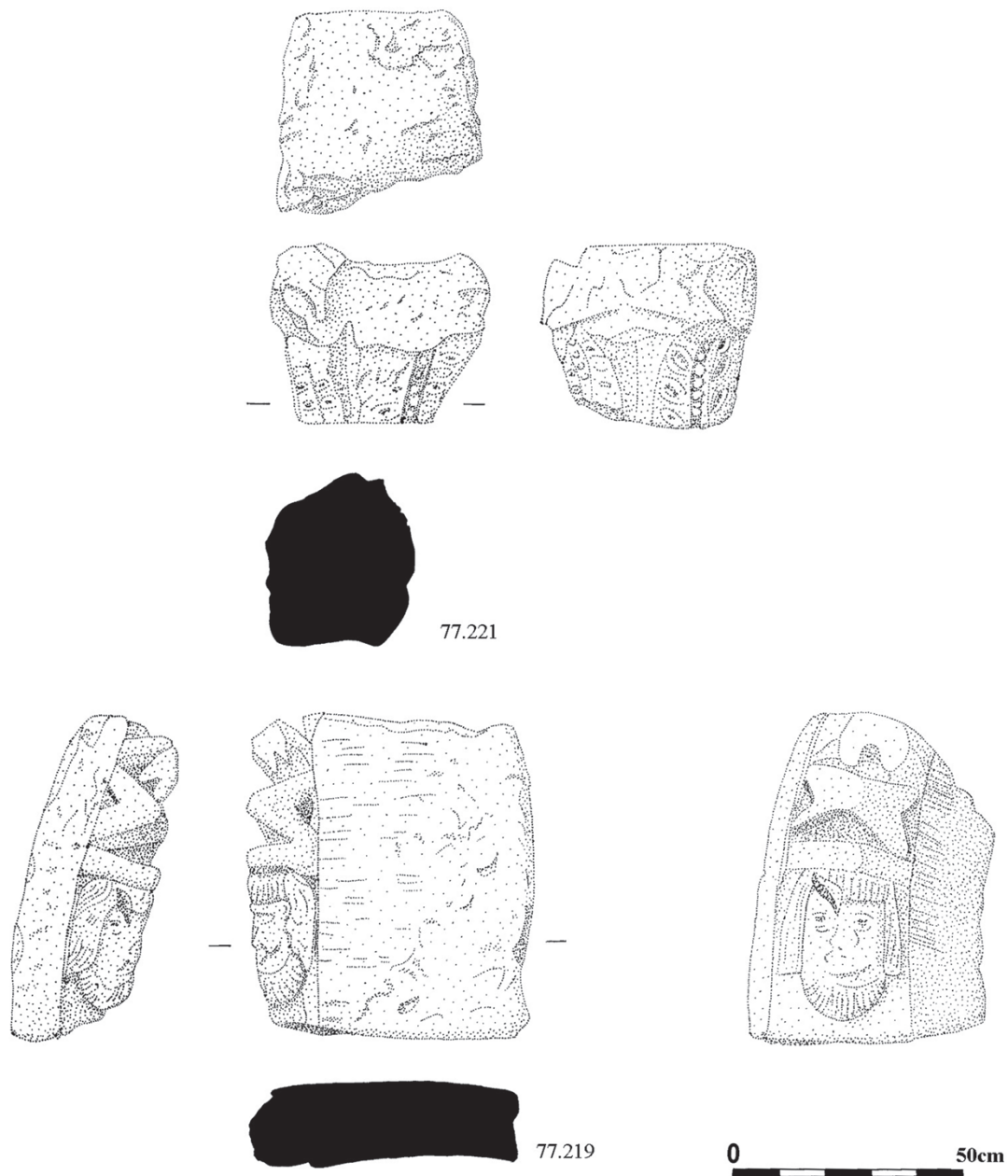


Figura 5 – Elementos arquitectónicos – achados fortuitos doados ao MFTPJ.

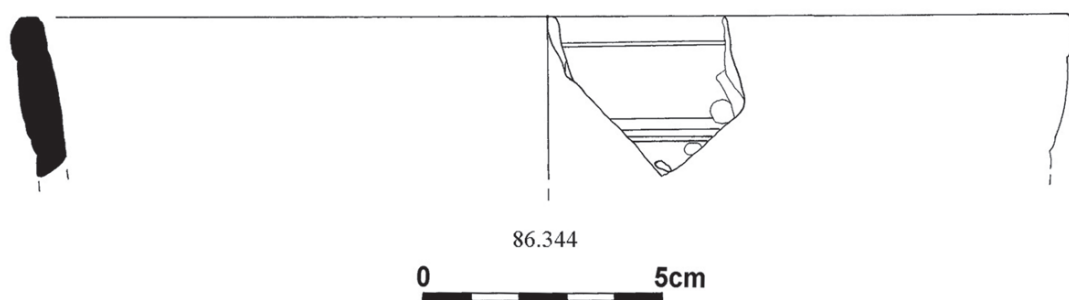


Figura 6 – Taça de terra sigillata hispânica Drag. 37 (?) – achado fortuito doado ao MFTPJ.



Figura 7 – Cruz de Caravaca (relicário) – achado fortuito doado ao MFTPJ.